



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB
Faculdade de Planaltina- FUP

Relatório de Estágio

**PERCEPÇÃO DO PRODUTOR RURAL EM RELAÇÃO AO SISTEMA ORGÂNICO
DE PRODUÇÃO NO DF**

Helouise Batista Silva

Orient.: Prof. Dr. Flavio Murilo Pereira da Costa

BRASÍLIA - DF

Junho de 2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UNB
Faculdade de Planaltina- FUP

**PERCEPÇÃO DO PRODUTOR RURAL EM RELAÇÃO AO SISTEMA ORGÂNICO
DE PRODUÇÃO NO DF**

Relatório Final de Estágio submetido à Faculdade UnB Planaltina da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à conclusão do Curso em Gestão de Agronegócio.

Helouise Batista Silva

Orient.: Prof. Dr. Flavio Murilo Pereira da Costa

BRASÍLIA - DF
Junho de 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, sobretudo à minha mãe Rosana, ser humano incrível que tenho admiração e utilizo como exemplo, pelo imenso apoio e incentivo ao longo da minha formação acadêmica.

Agradeço ao meu irmão Vinícius e a minha cunhada Laiane, sempre presentes me divertindo e me auxiliando.

Agradeço ao meu namorado Matheus, pelo apoio, paciência, incentivo e carinho na realização desse trabalho acadêmico.

Aos meus amigos de Faculdade, agradeço a oportunidade de ter conhecido cada um de vocês e a cada momento de descontração e aflição que tivemos na Universidade. Muito obrigada: Camila, Bárbara, Nathália, Rafael Lemos, Carlos Rafael, Marco Aurélio e Caik.

Aos meus amigos da vida, que me motivaram e me divertiram, sempre que possível: Anna Karolina, Alessandra, Lucas, Odenilza, Wênia, Évellin, Patrícia, Thaís, Renilson Júnior e Wagner Luiz.

Aos meus professores, que me guiaram e me ensinaram o verdadeiro valor do ensino. Meu eterno muito obrigado ao: Flávio, Ricardo Neder, Jonilto, Donária, Willian, Daniel, Reinaldo e Sérgio.

Aos meus companheiros de trabalho e amigos Diego Donizette, Diego Souza, Edilene, Aulus e Rafael. Muito obrigada pelo ensinamento de trabalho em equipe.

Agradeço ao pesquisador e amigo Francisco Eduardo, pelos ensinamentos e às conversas confortáveis.

E a todos que estiveram ao meu lado nessa caminhada e torceram pelo meu sucesso. Muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as percepções dos agricultores associados à Associação de Agricultura Ecológica (AGE), sobre a adoção do sistema orgânico de produção. Para isso, foram utilizados aportes teóricos para embasar a análise das entrevistas, suas principais vantagens e desvantagens na adoção do sistema e o entendimento da vivência dos produtores. Utilizou-se o método de pesquisa descritivo como abordagem qualitativa e entrevistas semiestruturadas com 10 agricultores, localizados no DF e entorno. A análise das entrevistas foi realizada por meio do software Alceste. Aferiram-se no discurso dos produtores quatro categorias/classes: I – Referentes; II – Mercado; III – Orgânico; IV – Convencional. Observou-se que os produtores adotam esse sistema de produção mediante dois facilitadores: os Referentes e o Mercado, que se contrapõem ao Convencional. Verificou-se que os produtores entrevistados aprovam a adoção e utilização dos sistemas orgânico de produção em suas propriedades que, via de regra, apresenta vantagens tanto mercadológicas como sociais, além de proporcionarem a redução dos impactos negativos sobre os recursos naturais.

Palavras-chave: produtor, orgânico, sistema, AGE.

LISTA DE FIGURA

Figura 01. Representação gráfica referente ao percentual de entrevistados quanto ao sexo nas regiões de estudo.....	22
Figura 02. Gráfico referente à faixa etária dos agricultores entrevistados	23
Figura 03 Percentual de entrevistados quanto aos tipos de posse de terra nas regiões de estudo.....	24
Figura 4. Percentual dos entrevistados referentes ao grau de escolaridade	25
Figura 5. Relação das classes (eixos temáticos) relacionadas ao sistema de produção orgânico dos produtores da AGE	29

LISTA DE TABELA

Tabela 01. Dados biodemográficos referente ao estado civil dos entrevistados	22
Tabela 02. Número de entrevistados por região	23
Tabela 03. Número de entrevistados por estado de origem.....	25
Tabela 04. Categoria I com as suas respectivas subcategorias, as fontes de informação e as UCE, acompanhadas dos qui quadrados correspondentes	31
Tabela 05. Categoria II com as suas respectivas subcategorias, as fontes de informação e as UCE, acompanhadas dos qui quadrados correspondentes	32
Tabela 06. Categoria III com as suas respectivas subcategorias, as fontes de informação e as UCE, acompanhadas dos qui quadrados correspondentes	33
Tabela 07. Categoria IV com as suas respectivas subcategorias, as fontes de informação e as UCE, acompanhadas dos qui quadrados correspondentes	35
Tabela 08. Problema selecionado, qui-quadrado (x^2), necessidade priorizada com base no qui-quadrado e sugestões de ação para a Categoria I.	36
Tabela 09. Problema selecionado, qui-quadrado (x^2), necessidade priorizada com base no qui-quadrado e sugestões de ação para a Categoria II e III.	37
Tabela 10. Problema selecionado, qui-quadrado (x^2), necessidade priorizada com base no qui-quadrado e sugestões de ação para a Categoria IV.	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. OBJETIVOS	7
2.1. OBJETIVO GERAL	7
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	8
3. JUSTIFICATIVA	8
4. REFERENCIAL TEÓRICO	9
4.1. BREVE HISTÓRICO DA AGRICULTURA ORGÂNICA	9
4.1.1. PANORAMA DO SISTEMA ORGÂNICO DE PRODUÇÃO NO BRASIL	11
4.2. AGE (ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTURA ECOLÓGICA)	18
4.3. Vantagens e dificuldades na adoção do sistema orgânico de produção	19
5. EXPERIÊNCIA PRÁTICA	21
5.1. PERFIL DOS ENTREVISTADOS	21
5.2. APRESENTAÇÃO DO ALCESTE COMO METODOLOGIA DE ANÁLISE	26
5.2.1. Classes/Categoria representativas do discurso dos entrevistados identificadas pelo Alceste	27
5.2.2. Dendograma	27
5.2.3. Caracterização e apresentação das UCE	30
5.3. PROBLEMAS E PRIORIZAÇÃO DOS FATORES PARA ADOÇÃO DO SISTEMA DE PRODUÇÃO ORGÂNICA	36
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38

1. INTRODUÇÃO

Com panorama mundial, de acordo com Salvador (2011), o sistema orgânico já é praticado em 120 países, em especial na Europa, EUA, Japão, Austrália e América do Sul. Apresenta uma alternativa ao modelo convencional, o qual vem sendo implantado de forma homogênea a qualquer tipo de unidade produtiva, através de pacotes tecnológicos desde a Revolução Verde. Em razão de suas consequências e o alarde à escassez dos recursos naturais, o sistema orgânico de produção vem como um sistema de produção de alimentos, sem a utilização de agrotóxicos, visando impactos mínimos aos recursos naturais.

No Brasil, de acordo com o MAPA (2015), “entre janeiro de 2014 e janeiro de 2015, a quantidade de agricultores que optaram pela produção orgânica passou de 6.719 para 10.194, significando um aumento de 51,7%. As regiões que apresentam o maior número de produtores orgânicos são: Nordeste, com pouco mais de 4 mil produtores, seguido da região Sul (2.865) e Sudeste (2.333)”. Esse crescimento demonstra a percepção dos produtores nas vantagens em se trabalhar com o sistema. Além das vantagens na produção, os produtores que adotam esse sistema podem ser auxiliados pelas Associações na comercialização de seus produtos, ratificando assim os custos com certificação.

O presente trabalho tem como finalidade a análise das perspectivas dos produtores rurais da AGE em relação à adoção do sistema orgânico de produção, contribuindo com a Embrapa no desenvolvimento de soluções aos problemas encontrados. A priori foi feito um histórico da agricultura orgânica, abordando suas vertentes, em seguida um panorama brasileiro e as principais associações que auxiliarão na disseminação da agricultura orgânica, em destaque a AGE. A metodologia utilizada teve base em entrevistas semi-estruturadas e na utilização do software Alceste como ferramenta de análise.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

O objetivo geral desse trabalho consiste na análise da perspectiva do produtor rural, de acordo com as entrevistas coletadas dos associados da AGE (Associação de Agricultura Ecológica), em relação ao sistema orgânico de produção.

2.2. Objetivos Específicos

- a) Realizar um panorama do sistema orgânico de produção, desde seu surgimento aos dias atuais;
- b) Elencar as associações que disseminam a adoção desse sistema;
- c) Descrever sobre a atuação da AGE;
- d) Realizar entrevistas com os produtores que fazem parte da AGE, buscando verificar suas crenças na adoção do sistema orgânico;
- e) Detalhar o perfil dos produtores orgânicos da AGE;
- f) Analisar os dados obtidos por meio das entrevistas pelo software Alceste;
- g) Elaborar problemas e sugestões de ações endereçadas à Embrapa.

3. JUSTIFICATIVA

Com as preocupações ambientais mais recentes e as consequências da utilização de práticas ditas como comuns na agricultura convencional, o sistema orgânico é citado como a resposta dos movimentos ambientalistas aos eventos de âmbito mundial, tendo como tema central a sustentabilidade. Nisso, o sistema orgânico temse mostrado vantajoso e com boa aceitação pelos produtores desde o processo de transição à sua adoção com pleno êxito.

Aprática da agricultura orgânica não deve ser avaliada apenas em seu processo produtivo, mas sim em suas características desde os insumos necessários para produção, o investimento para adoção desse sistema e as formas de escoar a produção. Nesse aspecto, esse trabalho demonstra o entendimento do produtor rural que usufrui desse sistema e sua contribuição para trabalhos futuros da Embrapa, com o intuito de sanar os problemas apresentados pelos entrevistados.

Entender o ponto de vista do produtor para a adoção do sistema de produção é a essencial demandapara a compreensão dosprincipais problemas e soluções da cadeia produtiva. Dessa forma, o profissional formado em Gestão do Agronegócio necessita compreender o contexto em que o produtor está inserido e aquilo que é demandado pelo mercado, como forma de atender as especificidades das cadeias produtivas e aprimoramento da sua formação profissional (especialização).

O presente estudo possui o caráter de contribuircom informações relevantes sobre o aporte teórico e as experiências aqui relatadas, como forma de suprir eventuais lacunas ainda

não atendidas pelo setor e os seus possíveis problemas de pesquisas. Para a sociedade, poderá contribuir também com informações importantes sobre essa percepção mais aprofundada dos perfis dos produtores da AGE e as relações desenvolvidas pela Associação.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, será apresentado o aporte teórico para embasar a discussão com base nos resultados da análise dos dados, além de um breve histórico da agricultura orgânica no âmbito internacional e nacional e, como se deu a expansão do conceito no Brasil e as associações criadas como forma de solucionar os problemas da escala de produção e as interferências que isso provoca no processo de comercialização e certificação. Nas análises será abordado sobre a Associação de Agricultura Ecológica (AGE), situada no Distrito Federal e o aporte literário sobre as vantagens e dificuldades encontradas na adoção do sistema orgânico de produção.

Esse aporte da literatura auxiliará na análise das entrevistas dos produtores da AGE, apresentando os resultados encontrados através da comparação com a realidade apresentada.

4.1. Breve histórico da Agricultura Orgânica

A agricultura orgânica faz parte do conceito abrangente de agricultura alternativa, o qual envolve também outras correntes, tais como: agricultura natural, agricultura biodinâmica, agricultura biológica, agricultura ecológica e permacultura (CAMPANHOLA; VALARINI, 2001, p.70).

Alguns autores englobam esses conceitos no significado da agricultura orgânica, por isso será exposta a peculiaridade de cada conceito. Neste trabalho acredita-se que em cada conceito o objetivo essencial é a forma de produção sem aditivos químicos e que ocasionem menor impacto possível ao meio ambiente.

Segundo Ormond et al (2002, p.5), a agricultura orgânica compreende como o “conjunto de processos de produção agrícola que parte do pressuposto básico de que a fertilidade é função direta da matéria orgânica contida no solo”, onde o conceito expõe que há a necessidade de utilização de práticas que utilizem e reciclem a matéria orgânica disponível no solo, sem a necessidade de insumos externos para agregar fertilidade no desenvolvimento da planta e/ou animal. Da mesma forma, o autor (ORMOND et al, 2002, p.8) expõe que, a história da agricultura orgânica teve início na década de 20, através da observação do pesquisador inglês Albert Howard, em suas práticas agrícolas de compostagem e adubação orgânica utilizadas pelos camponeses.

Na mesma época, na França, Claude Aubert difundiu o conceito e as práticas da Agricultura Biológica, na qual os produtos eram obtidos através da utilização da rotação de culturas, adubos verdes, esterco, restos de culturas, palhas e outros resíduos vegetais ou animais, bem como o controle natural de pragas e doenças. Na Alemanha, em 1924, Rudolf Steiner lançou bases da Agricultura Biodinâmica, que buscava a harmonia e o equilíbrio da unidade produtiva (terra, plantas, animais e homem) utilizando as influências do sol e da lua. No Japão, em 1935, Mokiti Okada definiu a filosofia do que seria uma “Agricultura Natural”, segundo a qual existem espírito e sentimento em todos os seres vivos (vegetal e animal). A Agricultura Natural valoriza o solo como fonte primordial de vida e, para fertilizá-lo, procura fortalecer sua energia natural utilizando os insumos disponíveis no local de produção para adubar e fertilizar a terra. Na Austrália, em 1971, Bill Mollison difundiu o conceito da Permacultura, que também é um modelo de agricultura integrada com o ambiente. O uso de informações sobre a direção do sol e dos ventos para determinar a disposição espacial das plantas é o que diferencia essa corrente das demais (ORMOND et al, 2002, p.8).

Pode-se perceber que apesar de suas particularidades, o objetivo de impactos mínimos e a exclusão de insumos externos na produção tornam todas essas filosofias de produção um “pacote” de preceitos para a busca de uma resposta ao sistema de produção convencional. Um sistema capaz de abastecer um país, preservando o meio ambiente, seu principal recurso de produção.

Com isso, para Ehlers (apud CASTRO NETO et al, 2010, p.77), “a reação contra a prática da adubação química na agricultura intensificou-se na Europa ainda no início do século XX, quando alguns movimentos em prol de uma produção natural, valorizavam o uso de matéria orgânica e outras práticas agrícolas favoráveis aos processos biológicos”.

Segundo Castro Neto et al (2010, p.77), a partir dos anos 1960, os efeitos nocivos da agricultura predominante, tornaram-se mais evidentes e, em diversos países, o movimento ambientalista fortaleceu as propostas mais agressivas e passaram a enaltecer as formas de produção alternativa.

No momento em que os consumidores começaram a dominar o conhecimento dos malefícios que a agricultura convencional trazia, tanto durante o consumo como para quem o manipula e para o meio ambiente, as respostas para a Agricultura Orgânica ficaram mais evidentes.

Como prova dessas respostas para alavancar a adoção ao sistema orgânico de produção, entidades foram instituídas no âmbito mundial, com a finalidade de definir padrões

e técnicas de produção e credenciar os produtores que adotassem tais normas. Esse processo de construção técnica da agricultura orgânica teve como base a troca de informações de produtores que adotaram o conceito da redução de insumos externos a propriedade e a mitigação dos impactos do seu uso ao meio ambiente.

A primeira organização internacional, segundo Santos e Monteiro (2004, p.85), foi fundada em 1972, em Versalhes, na França, conhecida como *International Federation on Organic Agriculture* (IFOAM), que reuniu cerca de 400 entidades “agroambientalistas” com o objetivo de fortalecer a Agricultura Alternativa. Esse órgão estabeleceu padrões que deveriam ser seguidos para a obtenção de um produto orgânico e, credenciava internacionalmente, as certificadoras para o processo de comercialização.

Nos EUA, a primeira empresa a receber o credenciamento junto ao IFOAM, de acordo com Santos e Monteiro (2004, p.85), foi a *Farm Verified Organic*(FVO), que atuava na certificação de produtos orgânicos desde 1980. Esse credenciamento possibilitou a abertura das exportações pelos produtores, que acabaram adquirindo novos mercados.

4.1.1. Panorama do Sistema Orgânico de Produção no Brasil

No Brasil, o movimento alternativo começou a se manifestar durante a década de 1970, quando se disseminou no país o processo de “modernização da agricultura”. O discurso governamental pretendia aumentar a produtividade da agricultura através da substituição das práticas agrícolas tradicionais por conjunto de práticas tecnológicas, que incluíam a utilização de sementes geneticamente melhoradas, fertilizantes químicos, agrotóxicos com maior poder biocida, irrigação e motomecanização (CASTRO NETO et al, 2010, p.77).

Com o investimento massivo na Agricultura Convencional através de pacotes tecnológicos implantados no período da Revolução Verde, os preceitos atrelados a essas práticas eram diretamente ligados ao aumento de produtividade, sem levar em conta a utilização dos recursos naturais, sendo esses a base do desenvolvimento da agricultura.

Nessa mesma década, segundo Ortmundet al (2002, p.9), a produção orgânica estava diretamente relacionada aos movimentos filosóficos que buscavam o contato primitivo com a terra, em contraponto aos preceitos do consumismo da sociedade moderna.

Ainda muito tímida, a manifestação da Agricultura Orgânica para contrapor as práticas abusivas dos métodos convencionais, tinha como defensores os atores do meio acadêmico, apenas como filosofia a ser seguida.

Ainda, de acordo com Ortmund et al (2002, p.9), “a comercialização dos produtos obtidos era feita de forma direta, do produtor ao consumidor, e tinha como clientes aqueles que propugnavam filosofias análogas, assemelhando-se a uma ação entre amigos”.

No início da sua história no Brasil, a Agricultura Orgânica trazia a proximidade dessa filosofia com o consumidor as características próprias de produção da agricultura familiar; tendo o vínculo de apropriação da terra como ferramenta de trabalho.

Naquela década (1970), surgiam as primeiras associações com essa temática, com a finalidade de disseminar o conhecimento da Agricultura Orgânica e, comercializar de forma competitiva os produtos orgânicos (COSTA, _____).

A Fundação Mokiti Okada foi instituída em 19 de janeiro de 1971 como uma entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, considerada de Utilidade Pública Federal. Com atuação em todo o território nacional, desenvolve projetos que viabilizam a formação de uma sociedade harmoniosa e progressista. Essa fundação pública tem como visão elaborar, desenvolver e executar projetos nas áreas de educação, saúde, meio ambiente, arte e assistência social que promovam a verdadeira saúde, prosperidade e paz. Com base nesses preceitos, a Fundação Mokiti Okada desenvolve oito áreas de atuação, sendo uma delas a Agricultura Natural, que foi idealizada por Mokiti Okada como solução para os problemas decorrentes da prática da agricultura. Dentro dessa área de atuação, a Fundação desenvolve diversas atividades para disseminar as práticas da agricultura natural como: Programa Horta em Casa e Vida Saudável, que por meio de oficinas capacitam os interessados na implantação de hortas caseiras, com o auxílio de materiais reciclados como suporte, em seus domicílios urbanos e rurais em todos os Estados brasileiros, com a finalidade de despertar o interesse pelo consumo de alimentos mais saudáveis bem como demonstrar a possibilidade da prática da Agricultura Natural em espaços reduzidos, como apartamentos; Grupos de Alimentação Saudável, que buscam estudar práticas e ensinar o verdadeiro significado da alimentação e Agricultura Natural com base na visão de Mokiti Okada, através de cursos, oficinas e workshops, além de consultoria técnica.

A Associação Harmonia Ambiental Coonatura (RJ) e a Coolméia – Cooperativa Ecológica – foram as pioneiras da Agricultura Orgânica no país e começaram a comercializar esses produtos em 1978/79 (CAMPANHOLA e VALARINI, 2001, p.78).

Na década de 80, o interesse da opinião pública pelas questões ambientais e a adesão de alguns pesquisadores ao movimento alternativo, sobretudo em função dos efeitos adversos dos métodos convencionais, tiveram alguns desdobramentos importantes no âmbito da ciência

e da tecnologia: a busca de fundamentação científica para as suas propostas técnicas e, no caso da Agroecologia, o propósito de valorizar os aspectos sócio-culturais da produção agrícola, diminuindo os problemas da sustentabilidade (SANTOS e MONTEIRO, 2004, p.85).

Diante da consequência da adoção em massa pela Agricultura Convencional, os atores que apoiavam a filosofia contida na Agricultura Orgânica se fortaleceram com a adesão de pesquisadores que começaram a disseminar comprovações dos impactos causados pelo método convencional. Com isso, o tema deixou de ser uma corrente filosófica, e passou a ser discutida pela população, e apontada como uma possível solução de produção agropecuária com impactos mínimos ao meio ambiente.

A mensuração dos recursos naturais como ferramenta escassa de trabalho, e as dimensões culturais e sociais agregadas aos produtores que adotavam esse sistema orgânico de produção começam a fazer parte da discussão.

Com a abrangência do tema, diversas associações foram criadas para fortalecer os produtores em suas práticas e auxiliá-los na comercializar de forma competitiva com o produto convencional. É importante destacar algumas associações que contribuíram para esse fortalecimento e identidade dos agricultores no Brasil:

Instituto Biodinâmico (IBD) de Botucatu/SP, fundado em 1982, com o objetivo de implementar atividade de ensino e pesquisa e também de certificar produtos orgânicos (SANTOS e MONTEIRO, 2004, p.85). É considerada a maior certificadora da América Latina, e a única certificadora brasileira de produtos orgânicos com credenciamento IFOAM (foco no mercado internacional), ISSO Guide 65 (mercado europeu regulamento C.E. 834/2007), Demeter (foco no mercado internacional), USDA/NOP (mercado norte-americano) e INMETRO/MAPA.

Criada em 1985, a partir da primeira feira de orgânicos do Brasil, realizada em Nova Friburgo, a Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro (ABIO) controla a qualidade da produção orgânica de 131 associados por meio do Sistema Participativo de Garantia (SPG); que é formado pela reunião de fornecedores e colaboradores (interessados na qualidade do sistema orgânico envolvido) para organizar a estrutura básica que ateste ao produto seu selo de orgânico. A Associação tem como principal prioridade aproximar o elo entre produtores e consumidor, através das feiras orgânicas e dos mercados institucionais; como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de

Alimentação Escolar (PNAE). Tem como preceito incorporar os princípios da economia solidária e do comércio justo entre seus associados.

De acordo com COSTA (____), a Associação de Agricultura Orgânica foi fundada em 28 de maio de 1989, no município de Cotia, em Caucaia do Alto, com adesão de cerca de 100 pessoas entre produtores, agrônomos, técnicos e consumidores, situados nos estados da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. No mesmo ano foi cedido pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA) um espaço no Parque da Água Branca, onde instalou sua sede. Em 1991, conferido à Associação a responsabilidade em gerir a Feira do Produtor Orgânico do Parque, com 12 produtores credenciados, sendo a primeira ONG brasileira a criar normas de produção orgânica centradas na realidade local, abrangendo os critérios básicos para os agricultores se credenciarem na feira. No início da década de 90, a Associação se mostrou bastante envolvida nas articulações e ações referentes ao movimento da agricultura alternativa e agroecológica do Brasil e da América Latina, participando da idealização, da fundação e da primeira diretoria do Movimento Agroecológico Latino Americano (MAELA), constituído em São Paulo em 1992. A Associação é responsável pela criação da Comissão Técnica de Agricultura Ecológica da SAA do Estado de São Paulo, onde apresenta atuação expressiva na organização e realização de ações no âmbito da pesquisa, das políticas públicas, da normatização e comercialização de produtos orgânicos, entre outros. Participou do 1º Comitê Nacional de Produtos Orgânicos, o qual consolidou a Portaria Normativa 007 do MAPA de 1999, utilizada como base para elaboração da lei Nacional da Produção Orgânica. Com essa atuação, a Associação tem credibilidade ao ser referência na promoção da agricultura orgânica tendo isso como foco central por ser a alternativa coerente e sustentável em âmbito socioambiental.

Em 1991, surgiu a Associação de Agricultura Natural de Campinas e Região (ANC), uma organização não governamental, sem fins lucrativos. Inicialmente com a demanda de se comercializar produtos de base ecológica na região de Campinas. Atualmente, conta com associados, consumidores e produtores de alimentos orgânicos, além de muitas parcerias com instituições públicas, de ensino, privada, e alguns coletivo para compor a associação. Das diversas atividades desenvolvidas pela associação, uma das principais é a certificação dos produtos orgânicos; de forma participativa; sendo permitida a utilização do Selo Orgânico para alimentos produzidos e processados conforme as normas que garantem aos consumidores a origem e o tipo de alimento em que está investindo. A ANC é responsável pelas três feiras ecológicas que ocorrem no município, onde apóia e incentiva o escoamento da produção.

Cada associação apresentada demonstra uma especificidade perante o estado e/ou município em que se localiza, adequando suas práticas a realidade vivenciada pelos produtores, procurando sempre a melhor forma de estimular a adoção do sistema orgânico de produção.

Em 1992, com a Conferência Mundial da ECO92, no Rio de Janeiro, foi fortalecido o conceito de sustentabilidade, que expressa a vontade dos países de conciliar ou reconciliar o desenvolvimento econômico e o meio ambiente, e ainda integrar a problemática ambiental ao campo da economia (SANTOS e MONTEIRO, 2004, p.85-86).

Com esse marco, fica destacada a necessidade de um sistema de produção para contrapor o modelo convencional, sem prejudicar o abastecimento de alimentos de forma que não prejudicasse as gerações futuras na utilização dos recursos naturais.

Essa preocupação mundial da pressão sobre os recursos naturais pressiona o Brasil a reconhecer; em formato de instrução normativa e, posteriormente lei, o sistema orgânico, e a estabelecer características de produção e mecanismos que certifique ao produto a garantia de ser orgânico.

De acordo com Campanhola e Valarini (2001, p.81), “a certificação do produtor orgânico é um pré-requisito para o acesso ao crédito”. Com a certificação dos produtos orgânicos, garante ao produtor a diferenciação, pela forma de produção, do produto convencional, o que torna válido ao produtor, linhas de crédito diferenciadas, por esse ser um processo mais cuidadoso, sendo necessária uma quantidade maior de mão-de-obra, não tendo vasto arsenal de tecnologias para o processo, e a aquisição da certificação.

Uma instituição importante no panorama brasileiro do sistema orgânico é a Rede Ecovida de Agroecologia, que de acordo com Santos (2005), foi criada no ano de 1998, na região Sul do Brasil, agregando agricultores familiares, instituições de assessoria, organizações de consumidores, agroindústrias e comerciantes de produtos agroecológicos além de pessoas comprometidas com o desenvolvimento da Agroecologia, trazendo um modelo alternativo de produção agrícola para contrapor ao modelo de produção convencional utilizado em sua maioria na época. Essa rede desenvolve diversas atividades de promoção da Agroecologia, como a certificação de produtos ecológicos através da Certificação Participativa em Rede, que foi criada a partir das experiências retratadas pelos agricultores familiares da região sul.

Essa certificação participativa apresenta o comprometimento dos atores envolvidos, tanto agricultores como consumidores, como contribuição do processo para obtenção do selo agroecológico/orgânico, permitindo a valorização da cultura local.

De acordo com a Associação Ecovida, uma OPAC (Organismo Participativo de Avaliação de Conformidade) estará credenciada oficialmente pelo MAPA e reconhecida como um selo de qualidade ecológica dos produtos/unidades produtivas que forem certificadas por ela.

Em 1999, após a mobilização das ONGs brasileiras que trabalhavam direta ou indiretamente com a Agroecologia, foi publicada a Instrução Normativa 07/99, que tratava da criação da CNPOrg (Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica) e dos respectivos órgãos estaduais, responsáveis pela implementação da Instrução Normativa e fiscalização das certificadoras e a exigência de que a certificação seria conduzida por entidades nacionais e sem fins lucrativos (SANTOS e MONTEIRO, 2004, p.86).

Nesse momento, as associações ganharam mais credibilidade diante dos produtores e da sociedade com uma legislação que fiscalizava as entidades certificadoras. Isso trazia mais garantia aos produtores em associarem na busca da certificação dos seus produtos, conquistando nichos de mercado, apresentando vantagens em relação aos produtores por conta própria.

A conquista da certificação dos produtos orgânicos trazia ao consumidor a distinção das práticas utilizadas para obter aquele produto. Essa era a garantia que convenciona o consumidor a adquirir produtos orgânicos, por atestar a sustentabilidade do processo produtivo.

De acordo com BRASIL (2003), a lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, em seu artigo 1º apresenta como sistema orgânico de produção agropecuária:

[...] todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente.

Decompondo o parágrafo 1º, quanto aos objetivos do sistema orgânico de produção:

[...]I- a oferta de produtos saudáveis isentos de contaminantes intencionais;

II – a preservação da diversidade biológica dos ecossistemas naturais e a recomposição ou incremento da diversidade biológica dos ecossistemas modificados em que se insere o sistema de produção;

III – incrementar a atividade biológica do solo;

IV – promover uso saudável do solo, da água e do ar, e reduzir ao mínimo todas as formas de contaminação desses elementos que possam resultar das práticas agrícolas;

V – manter ou incrementar a fertilidade do solo a longo prazo;

VI – a reciclagem de resíduos de origem orgânica, reduzindo ao mínimo o emprego de recursos não-renováveis;

VII – basear-se em recursos renováveis e em sistemas agrícolas organizados localmente;

VIII – incentivar a integração entre os diferentes segmentos da cadeia produtiva e de consumo de produtos orgânicos e a regionalização da produção e comércio desses produtos;

IX – manipular os produtos agrícolas com base no uso de métodos de elaboração cuidadosos, com o propósito de manter a integridade orgânica e as qualidades vitais do produto em todas as etapas.

Utilizando ainda o conceito dessa lei, nesse trabalho considera-se o parágrafo 2º, no qual abrange ao conceito a Agricultura Natural, Biodinâmica, Ecológica, Regenerativa, Biológica, Agroecológica, Permacultura e demais que atendam aos objetivos expostos no parágrafo 1º, como já foi citado nessa abrangência.

Um conceito interessante de sistemas orgânicos de produção que podemos abordar, do ponto de vista de Carmo e Magalhães (apud CASTRO NETO; et al, 2010, p.79), sendo uma:

[...] boa oportunidade aos pequenos agricultores, pois, embora utilizem mais mão de obra e apresentem menor produtividade que os sistemas convencionais, mostram um desempenho econômico sempre melhor, traduzido por menores custos efetivos, maiores relações custo-benefício e maiores rendas efetivas.

Além da conceituação por características de produção apresentada pela lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, esse conceito apresentado observa outros aspectos que devem ser levados em conta na adoção do sistema. O sistema orgânico apresenta peculiaridades como uma maior utilização de mão-de-obra e a exclusão de agrotóxicos, o que acarreta em uma menor dependência de insumos externos, o uso responsável dos recursos naturais e cria um envolvimento do produtor com o sistema de produção, além de estreitar a relação com o consumidor pela venda direta, gerando impactos sociais mais significativos.

Segundo Badue (apud Lima, 2006), 90% dos produtores orgânicos brasileiros são caracterizados como praticantes da agricultura familiar e respondem por 70% da produção. Os outros 10% são grandes produtores latifundiários e contribuem com os 30% restantes.

Pode-se dizer que o sistema orgânico de produção apresenta características que se enquadram no perfil dos agricultores familiares, por se tratar de um sistema sustentável de que usualmente é adotado tanto para a comercialização como para subsistência, visando em alimentos mais saudáveis.

4.2.AGE (Associação de Agricultura Ecológica)

Outra associação que vem fortalecendo o sistema orgânico, como contraponto do convencional é a Associação de Agricultura Ecológica de Brasília (AGE-DF), criada em outubro de 1988. É uma entidade civil sem fins lucrativos, formada por sócios produtores; que comercializam seus produtos em feiras ou entregas em domicílio em todo Distrito Federal, e sócios consumidores de alimentos produzidos em sistemas de base agroecológica.

A AGE conta hoje com 28 associados produtores, em sua maioria agricultores familiares, distribuídos em diversas localidades (AGE apud RIOS, 2013), sendo no Distrito Federal e Entorno.

Apesar da distância entre as localidades, há transporte coletivo sempre que viável, de mercadorias e insumos em caminhão alugado, o que diminui custos de distribuição e aumenta a integração entre agricultores (AGE apud RIOS, 2013).

De acordo com a EMBRAPA, a Associação possui oito feiras regulares para comercialização, além de entregas em domicílio, que ocorrem no período da manhã, sendo elas: quartas e sábados nas SuperQuadras 315Norte, 909/709Sul, 112Sul e 316Sul em Brasília; aos sábados no Setor Sudoeste (EQSW 303/304); também em Brasília na SQN 303Norte e; em Brazlândia, no Empório Rural, que ocorre também aos domingos.

Como a comercialização de produtos ecológicos é feita por meio da OCS – Organização de Certificação Social - os produtos orgânicos não certificados não podem fazer uso do Selo do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica. Mas a legislação permite que o agricultor coloque no rótulo do produto, quando existir, ou no ponto-de-venda a expressão: produto orgânico para venda direta por agricultores familiares organizados, não sujeito à certificação, de acordo com a lei nº 10.831, de 23 de setembro de 2003 (RIOS, 2013).

De acordo com os dados de 2015 disponibilizados pelo MAPA (Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento) e pelo Conselho Nacional de Produção Orgânica (CNPO), apenas dez produtores da AGE possuem OCS como mecanismo de controle de sua produção.

A AGE é vista no Distrito Federal como a maior associação que possui contato direto com o consumidor ao comercializar seus produtos, por apresentar um maior número de feiras em relação às outras associações. O que gera uma maior confiança perante o consumidor, independentemente de selo. Isso traz maior atendimento à demanda de consumidores de orgânicos e, conseqüentemente, aumenta a necessidade em captar mais associados.

4.3. Vantagens e dificuldades na adoção do sistema orgânico de produção

Para fazer parte de associações de produtos orgânicos é necessário adotar esse sistema de produção e adequar sua propriedade. É necessário então, entender os motivos pelos quais produtores adotam esse sistema, e os levam a se associarem.

Listado por Campanhola e Valarini (2001, p.88), algumas vantagens e dificuldades ao adotarem a Agricultura Orgânica pelo agricultor familiar. A primeira vantagem se refere à produção em pequena escala e a facilidade em comercializar seus produtos como via direta com o consumidor, por meio de distribuição em residências ou por feiras livres de produtores orgânicos. Entretanto, essa vantagem pode ocasionar na necessidade de um aumento na oferta dos produtos em determinado ponto de venda, sendo necessária a associação dos produtores para suprir a demanda.

A segunda vantagem apresentada é o estímulo a uma produção diversificada na propriedade do agricultor. Essa diversificação da produção pode ter diversas razões, como atendimento das necessidades do consumidor e a sazonalidade da produção. Com a variabilidade de produtos oferecidos ao agricultor, adquire-se uma estabilidade econômica maior, além de oferecer um gama maior de produtos à sua família, diminuindo a dependência externa de outros produtos.

Apontada como vantagem, essa produção exige mais mão-de-obra por conta da escassez de tecnologias capazes de atuarem no sistema, diretamente gerando empregos. Para maximizar os recursos utilizados no sistema são aproveitados os membros da família rural, impactando na maior redução do êxodo rural e, conseqüentemente, criando apropriação pelo patrimônio familiar.

Ressaltada como vantagem a menor dependência a fatores externos, é o fator que mais caracteriza o sistema orgânico de produção. Apesar de que alguns insumos serem

adquiridos fora da unidade produtiva (como calcário e fosfatos de rocha, componentes para o preparo de biofertilizantes e caldas de tratamento fitossanitários, etc.), a utilização de recursos da propriedade é quase que obrigatória, como compostos ou materiais orgânicos de origem vegetal e/ou animal reciclados. Com a alocação desses materiais e práticas de adubação alternativas, diminui-se o uso de insumos externos utilizados no sistema.

Além da menor dependência, outro fator que caracteriza esse sistema como vantajoso, tanto em relação aos custos de produção, meio ambiente e para as pessoas envolvidas diretamente no processo de plantio, é a eliminação do uso de agrotóxicos com a inserção de práticas e técnicas de base agroecológicas. Como consequência dessa isenção de agrotóxicos, se obtém maior biodiversidade nos solos por utilizar uma alta reserva de matéria orgânica no sistema.

Com a comercialização dos produtos advindos do sistema orgânico, percebe-se um diferencial na precificação do produto orgânico ao se comparar com o produto convencional. Esse aumento do valor comercial em relação ao sistema da agricultura dita como “moderna”, apresenta um grande atrativo aos produtores e a exploração de nichos de mercados diferenciados.

Outra vantagem endereçada aos agricultores familiares que se utilizam de métodos não convencionais na propriedade é a facilidade da adoção das práticas e técnicas da agricultura orgânica, pois não precisarão se desfazer dos pacotes tecnológicos utilizados no manejo convencional, estreitando assim um menor tempo para a certificação dos seus produtos quando comparada a uma unidade em fase de conversão do sistema convencional para o orgânico.

Apesar das diversas vantagens, os autores apontam algumas dificuldades como: a instabilidade por conta da baixa capacitação gerencial do produtor, sendo sanada com a busca de uma associação, a escassez de pesquisa científica em agricultura orgânica, a falta de assistência técnica oferecida pela rede pública, sendo que os extensionistas não estão preparados para auxiliar os agricultores junto ao processo de adoção do sistema orgânico, a maior demanda de mão-de-obra e, muitas vezes, a dificuldade para se encontrar mão-de-obra capacitada e qualificada, entre outras dificuldades financeiras encontradas durante o processo de conversão. Não há incentivo público para a conversão da propriedade convencional para um processo orgânico, várias dificuldades no acesso ao crédito, além de que os produtores possuem dificuldade em preencher os requisitos exigidos para esse acesso, desde custo de certificação e de acompanhamento das exigências para essa certificação, o que leva o produtor

a se associar na busca da certificação participativa. Existem ainda as dificuldades de processamento dos produtos agropecuários, que por terem uma escala mais reduzida de produção, encontram dificuldades em viabilizar estrutura de beneficiamento (também um outro fator que os leva a associação), além dos efeitos ambientais negativos. Se o sistema orgânico for mal conduzido, poderá causar danos de ordem ambiental, como por exemplo, o excesso de matéria orgânica no solo, que gera riscos de acumulação de nitratos nas águas subterrâneas.

5. EXPERIÊNCIA PRÁTICA

Serão apresentados aqui os resultados, bem como a análise em relação ao perfil dos produtores entrevistados e o entendimento sobre a adoção do sistema com referência nas entrevistas.

A seguir, será exposta a teoria utilizada para elaboração das entrevistas, a metodologia utilizada para analisar o corpus (respostas das entrevistadas) e os resultados gerados e discutidos.

5.1. Perfil dos entrevistados

De acordo com os dados sócio-demográficos coletados, pode-se observar os seguintes aspectos analisados para a construção do perfil dos entrevistados.

Na Figura 01, expõe-se dados relativos ao sexo dos entrevistados. É possível observarmos que a maioria dos entrevistados é composto pelo sexo masculino (65%), e apenas 35% é constituído pelo sexo feminino. Segundo o Sebrae (2012), no Distrito Federal, o dirigente da propriedade rural representa 88,5% quanto ao sexo masculino e, 11,5%, pelo sexo feminino, enquanto os produtores da AGE, a representatividade feminina corresponde a quase metade dos entrevistados. Isso expõe uma mudança no cenário da representação familiar rural nos dias atuais.

Na Tabela 01 são apresentados dados relativos ao estado civil dos entrevistados.

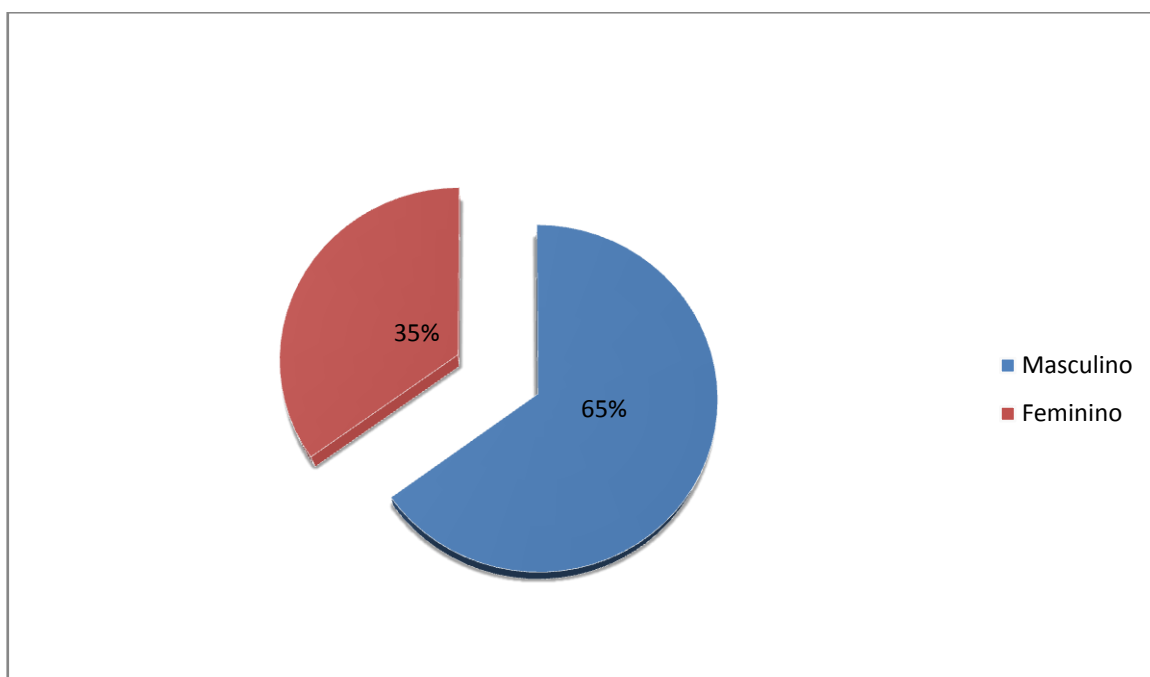


Figura 01. Representação gráfica referente ao percentual de entrevistados quanto ao sexo nas regiões de estudo.

Tabela 01. Dados biodemográficos referente ao estado civil dos entrevistados

Variáveis	F	%
Estado Civil	Solteiro (a)	05,0
	Casado (a)	85,0
	Divorciado (a)	10,0
Total	20	100,0

Pode-se perceber que na Tabela 01, Tabela 01 a maioria dos entrevistados são casados, restando um entrevistado solteiro e 10% divorciados. Esse alto índice de produtores casados evidencia a adoção do sistema por agricultores familiares, que inserem a família na participação da produção.

Na Figura 02 são apresentados os dados referentes à faixa etária dos entrevistados. De acordo com esses dados, metade dos entrevistados possui idade acima de 51 anos, sendo essa considerada o início da terceira idade. Esse grupo de entrevistados possui maior comprometimento com o sistema, e apresenta mais conhecimento; devido à sua vasta experiência adquirida; em relação aos demais grupos.

No que se refere à idade do dirigente do estabelecimento rural, percebe-se uma distribuição relativamente uniforme entre os grupos de 35 a 45 anos, 45 a 55 anos e 55 a 65

anos, que respondem por 3,4 milhões de estabelecimentos, o equivalente a 66% do total de estabelecimentos rurais (SEBRAE, 2012).

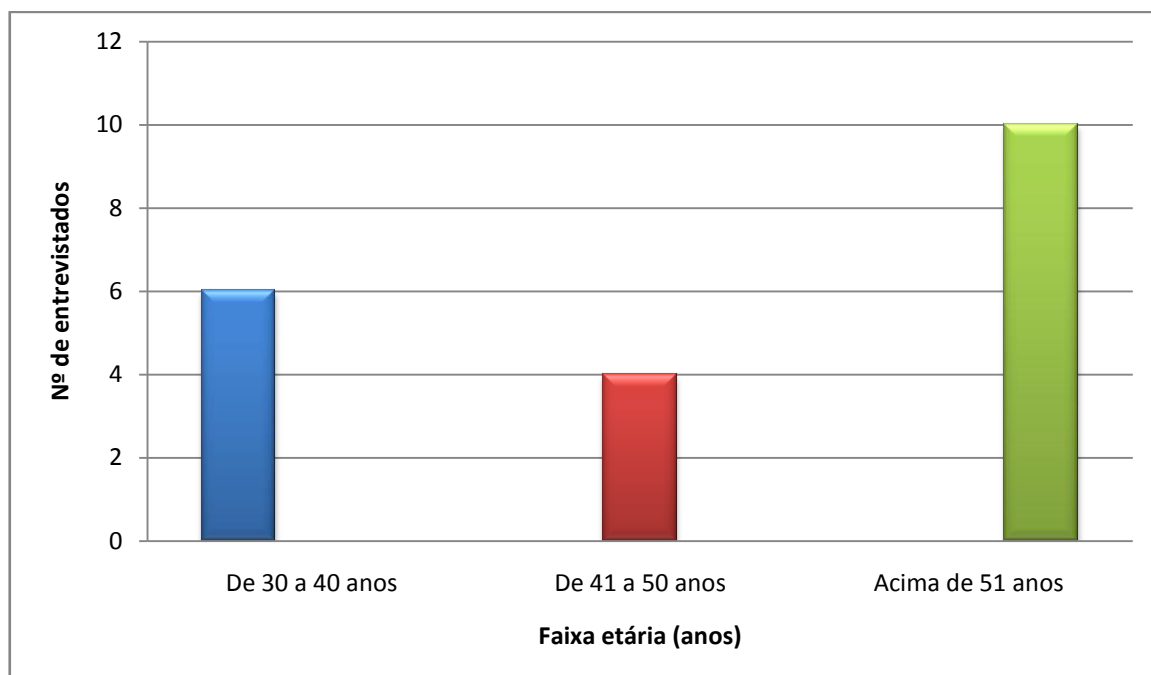


Figura 02. Gráfico referente à faixa etária dos agricultores entrevistados

Pode-se dizer que esse índice de produtores no início da terceira idade, representa uma boa qualidade de vida, por estarem à frente da propriedade rural executando atividades.

Abaixo, a Tabela 02 expõe os dados correspondentes à localidade em que os entrevistados residem.

Tabela 02. Número de entrevistados por região.

Região	UF	F	%
Brazlândia	DF	8	40,0
Ceilândia	DF	2	10,0
Cidade Ocidental	GO	1	05,0
Monte Alto	GO	6	30,0
Paranoá	DF	1	05,0
Sobradinho	DF	1	05,0
Taguatinga	DF	1	05,0
Total		20	100,0

A maioria dos entrevistados se concentra na região de Brazlândia e, com 30% do total, a região de Monte Alto situada em Goiás.

Na Figura 03 demonstram-se os dados relativos ao regime de exploração vigente na propriedade dos agricultores.

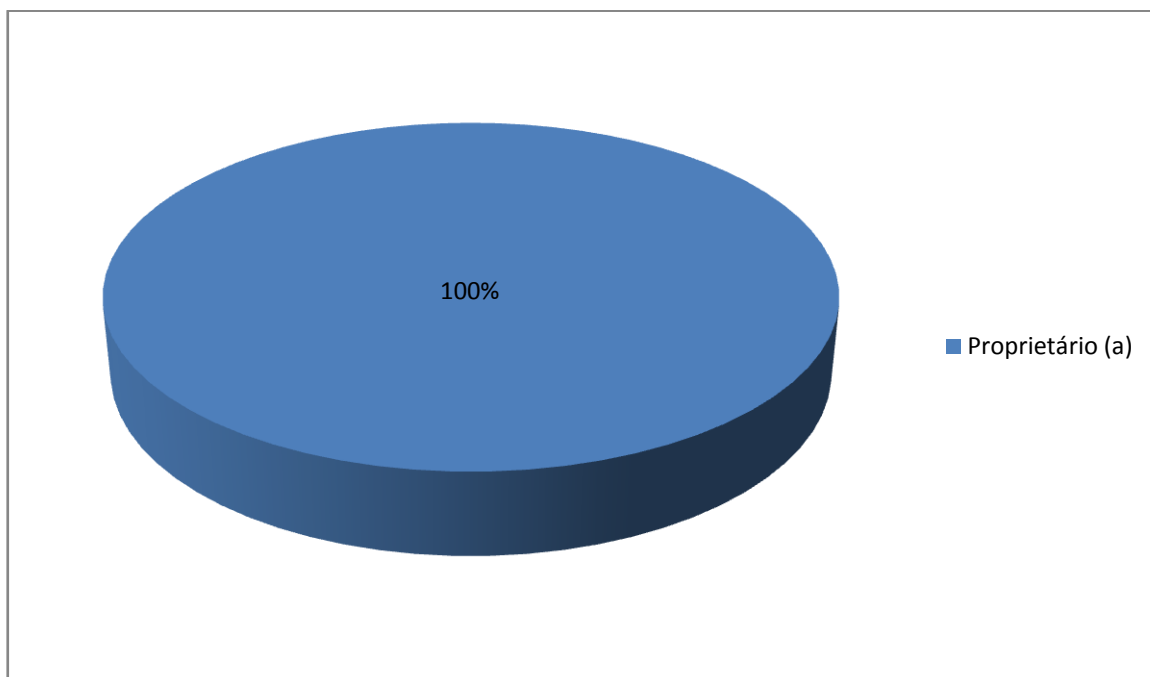


Figura 03 -Percentual de entrevistados quanto aos tipos de posse de terra nas regiões de estudo.

De acordo com a Figura 03, percebe-se que todos os entrevistados são proprietários da unidade de produção, devido serem assentados da reforma agrária. Esse fator dá mobilidade ao produtor em investir na propriedade e se apropriar do sistema, na medida em que for observando os resultados.

Na Figura 04, retrata-se o grau de escolaridade dos entrevistados. Pode-se perceber que 40% dos entrevistados possuem ensino superior, seguido por 35% com ensino fundamental; formado por 5º, 7º, 8º e 9º anos; e 25% dos entrevistados correspondem ao grupo do ensino médio completo.

De acordo com o Sebrae, (2012), somente 2% dos produtores rurais brasileiros detém ensino superior, e 8,4% com o ensino fundamental completo. O maior índice é representado pelo grupo de produtores rurais com ensino fundamental incompleto com 81,4%.

Na Tabela 03 são apresentados os estados de origem dos entrevistados. Observa-se uma naturalidade diversa dos entrevistados, o que interfere diretamente nas técnicas utilizadas na produção. As regiões de Goiás (30%) e Rio de Janeiro (25%) concentram mais da metade da naturalidade dos entrevistados.

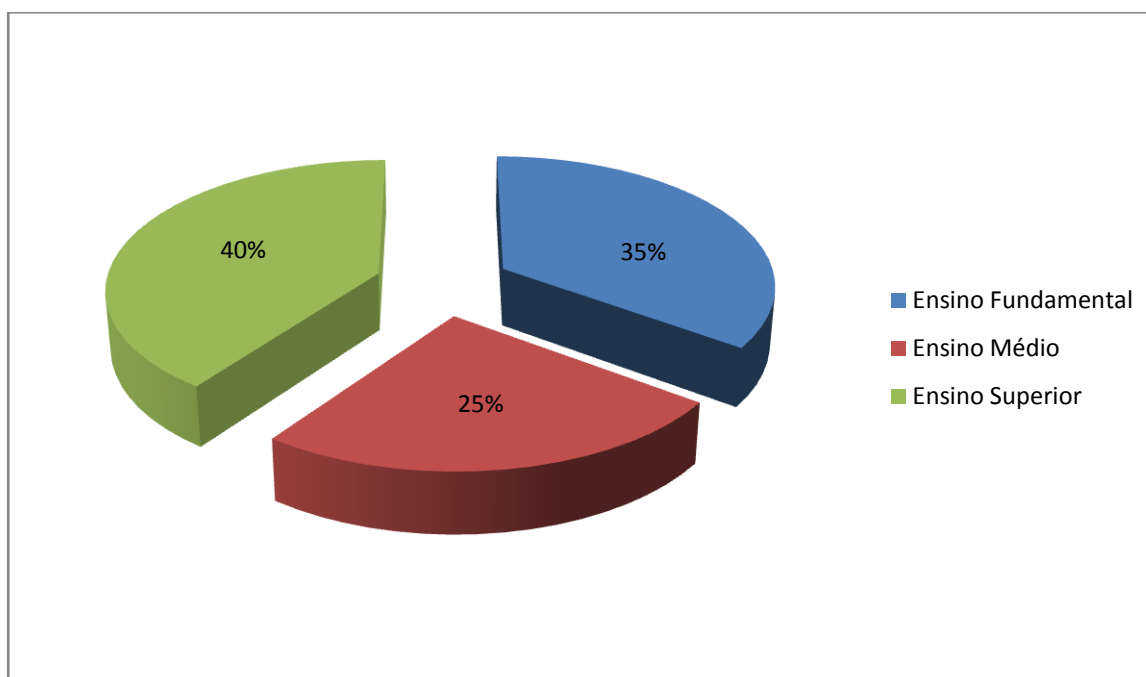


Figura 04 - Percentual dos entrevistados referentes ao grau de escolaridade.

Tabela 03. Número de entrevistados por estado de origem.

Região	F	%
Distrito Federal	3	15,0
Goiás	6	30,0
Minas Gerais	2	10,0
Paraná	1	05,0
Rio de Janeiro	5	25,0
Rio Grande do Sul	2	10,0
São Paulo	1	05,0
Total	20	100,0 %

Apesar da miscigenação cultural, as técnicas utilizadas na produção; como eliminação de agrotóxico, construção de barreiras como quebra vento, compostagem e uso de esterco animal como adubo, diversificação da produção, integração com floresta, controle biológico de pragas; exige uma padronização de práticas para considerar e comercializar o sistema de produção como orgânico.

5.2. Apresentação do Alceste como metodologia de análise

A análise das entrevistas foi realizada através dos resultados obtidos pela compilação dos dados efetuado pelo software Análise Lexical por Contexto em Conjunto de Segmentos de Texto (Alceste), versão 2012, de natureza lexical com categorização estabelecida com base na Teoria da Ação Planejada.

As entrevistas foram elaboradas com base na Teoria da Ação Planejada. Segundo Camargo (apud SOUSA et al, 2009), “o software Alceste (*Analyselexicale par contextdún ensemble de segments de texte*) é um programa que permite realizar a análise de dados textuais ou as análises de estatística e matemática verificando a principal informação presente no texto”.

Quanto à configuração do software, a utilização do parâmetro para análise do estudo deu-se pela Unidade de Contexto Elementar (UCE). As UCE são fragmentos das entrevistas que contém as palavras chave, sendo essas palavras colocadas entre parênteses. O resultado do cruzamento de informações do modelo teórico (TAP) e as UCE geradas pelo Alceste, como um pressuposto para a adoção do sistema orgânico de produção, permitem identificar se os produtores encontram-se em uma fase mais receptíveis ou resistentes em relação à adoção do sistema orgânico de produção.

Com base nisso, podemos retirar com agilidade das entrevistas, as percepções dos produtores em adotar o sistema orgânico de produção e os fatores críticos dos processos de comercialização e expansão do sistema.

Com base na Teoria da Ação Planejada (TAP), elaborou-se o questionário a ser aplicado aos produtores. De acordo com Ajzen e Madden (apud ROCHA, 2008), “nesse modelo, o efeito da percepção de controle sobre o comportamento pode ser completamente mediado pela intenção ou se dá por meio de uma ligação direta com o comportamento real”.

Utilizando essa teoria para a construção do questionário, objetivou respostas claras e diretas sobre o comportamento do produtor em relação à escolha do sistema.

Na Teoria da Ação Planejada, consideram-se três conceitos independentes na determinação da intenção. O primeiro é a atitude frente a um comportamento alvo e se refere ao grau de avaliação favorável ou desfavorável de uma pessoa. O segundo preditor é o fator social, denominado norma subjetiva e refere-se à pressão social percebida para desempenhar um comportamento. O terceiro, antecedente à intenção, é o grau de percepção de controle comportamental, no qual uma pessoa pode antever o resultado, e se refere à facilidade ou a dificuldade percebida para desempenhar o comportamento (ROCHA, 2008).

O questionário elaborado em seis questões relevantes para o desenvolvimento da análise, sendo duas questões para cada eixo da teoria, como: vantagens e desvantagens; referentes à Motivação Pessoal; aprovação e reprovação; relativas à Motivação Social; e facilitadores e pessoas, que dificultam a adoção do sistema orgânico, diz respeito à Motivação Situacional.

5.2.1. Classes/Categoria representativas do discurso dos entrevistados identificadas pelo Alceste

Foram obtidas 137 UCE, organizadas em quatro classes: a primeira, diz respeito aos *Referentes* que facilitam ou tornam moroso o processo de adoção do sistema de produção orgânica (com 36 UCE \approx 26%); a segunda classe é relacionada aos fatores que influenciam o *Mercado*, tanto do sistema de produção orgânica como o de produção convencional (com 64 UCE \approx 47%); a terceira diz respeito à opinião dos produtores em relação ao sistema de produção *Orgânica* (com 17 UCE \approx 12%) e, por último, a quarta classe relacionada à opinião dos produtores com foco na produção *Convencional* (com 20 UCE \approx 15%).

A classe II se destaca por obter o maior número de UCE selecionadas, sendo composta por fatores de análise sistêmica da cadeia de produção dos sistemas orgânico e convencional.

5.2.2. Dendograma

Com base nessas informações e no modelo de dendograma disponibilizados pelo Alceste, foi elaborado um novo modelo de dendograma, isto é, mais detalhado que auxilia na análise das relações entre as classes expostas anteriormente.

Na Figura 05 observa-se a estrutura das classes, que é formada pelo número de UCE, por variáveis descritivas e formas reduzidas que informam de onde vieram as informações que compõe cada classe.

De acordo com o relatório do Alceste, foram evidenciadas as seguintes variáveis descritivas: na classe I, a questão 7, relacionada aos atores que dificultam a adoção do sistema de produção orgânica; e a questão 6, que diz respeito aos atores que facilitam a adoção desse sistema; na classe II, a questão 2, referente as vantagens na adoção desse sistema; e a questão 3, relacionada as desvantagens encontradas na adoção do sistema de produção orgânica; na classe III, a questão 5, relacionada as pessoas que reprovam a adoção desse sistema; e a questão 4, relacionada as pessoas que aprovam a adoção do sistema de produção orgânica; e na última, a questão 4.

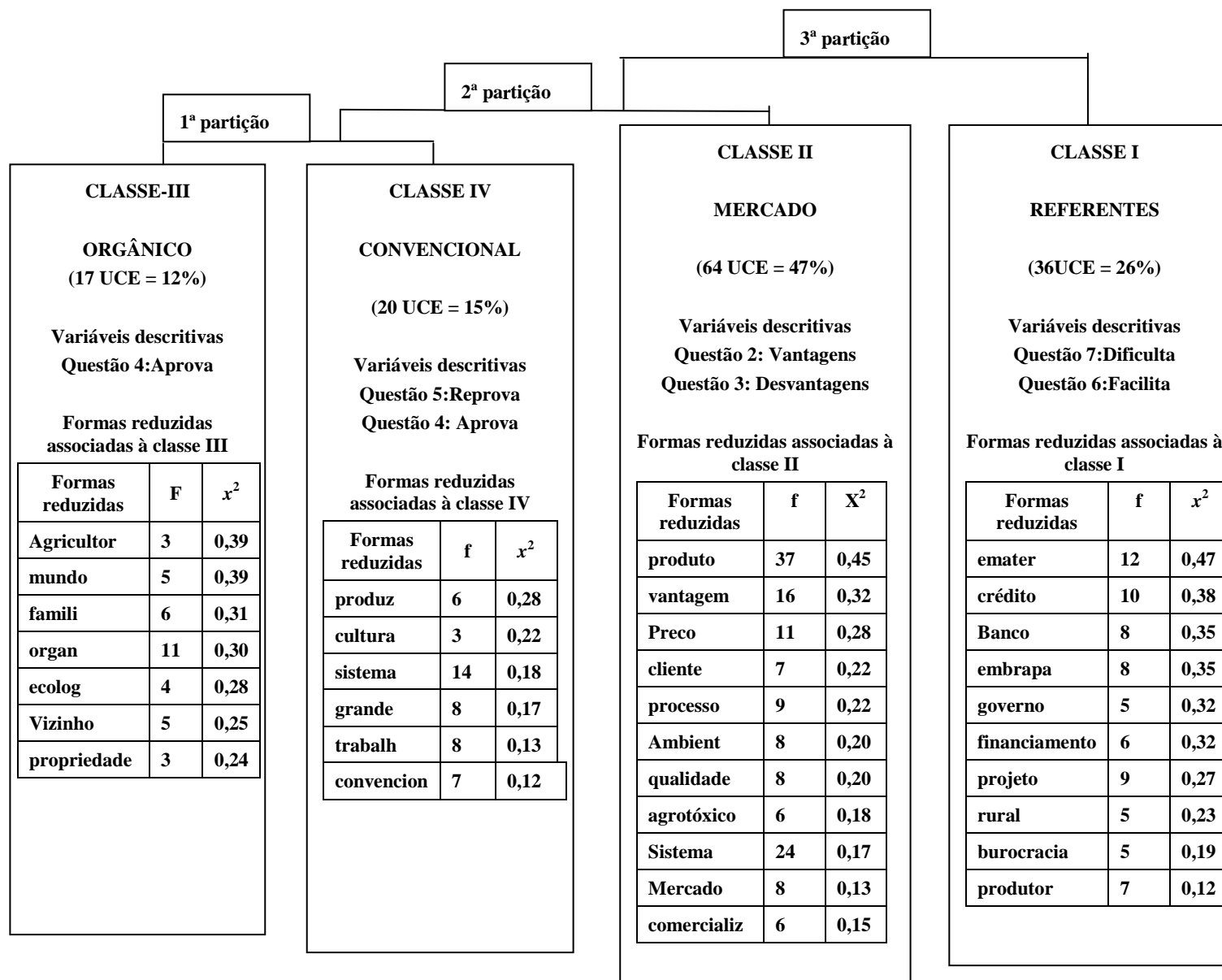


Figura 05. Relação das classes (eixos temáticos) relacionadas ao sistema de produção orgânico dos produtores da AGE

No que se refere às formas reduzidas e suas respectivas frequências, foram destacadas do relatório do Alceste: na primeira classe, Emater (12), Crédito (10), Banco (8), Embrapa (8), Governo (5), Financiamento (6), Projeto (9), Rural (5), Burocracia (5) e Produto (7). Em relação à segunda, Produto (37), Vantagem (16), Preço (11), Cliente (7), Processo (9), Ambiente (8), Qualidade (8), Agrotóxico (6), Sistema (24), Mercado (8) e Comercialização (6). Na terceira classe, Agricultor (3), Mundo (5), Família (6), Orgânico (11), Ecologia (4), Vizinho (5) e Propriedade (3). E em relação à última, Produção (6), Cultura (3), Sistema (14), Grande (8), Trabalho (8) e Convencional (7).

No que diz respeito às relações entre as classes, foram observados três partições de acordo com a análise de adoção do sistema de produção orgânica.

Na primeira partição, formada pela Classe III (Orgânico) e a Classe IV (Convencional), verifica-se a existência de uma relação mais intensa por se tratar da caracterização dos sistemas de produção pela ótica da experiência do produtor rural.

Na segunda, observa-se que a Classe II está associada à primeira partição. Essa classe é composta por variáveis que interferem na construção da cadeia de valores dos sistemas expostos na primeira partição, sendo essa composta pelo maior número de UCE (detém 47%).

Na terceira partição associa a Classe I (Referentes) com a segunda partição. A Classe denominada *Referentes* é composta por atores que influenciam os sistemas de produção apenas quando solicitados pelos produtores, podendo haver a ausência deles no funcionamento dos sistemas, o que justifica sua menor relação com a terceira partição. Essa classe influencia diretamente na relação da Classe II por ter fatores que interferem na inserção dos produtores no mercado.

5.2.3. Caracterização e apresentação das UCE

De acordo com cada classe descrita anteriormente, é apresentada a seguir suas respectivas subcategorias primária, secundária e terciária. As informações são baseadas nas entrevistas dos produtores.

Conforme a Tabela 04, das 36 UCE que compõe esta categoria, foram extraídas duas subcategorias terciárias; distribuídas entre subcategorias primária e secundária, sendo elas: *Governo (Banco quer trabalhar com linha de crédito relacionada à DAP)*, formada por duas UCE, com qui-quadrados iguais 10 e 9, e *Emater* obtida a partir de uma UCE, com qui-quadrado igual a 9.

Tabela 04. Categoria I com as suas respectivas subcategorias, as fontes de informação e as UCE, acompanhadas dos qui-quadrados correspondentes.

Categoria I:Referentes				
Subcategori a primária	Subcategoria secundária	Subcategoria terciária	UCE	χ^2
Motivação Situacional	Facilitadores da adoção do sistema orgânico (atores que auxiliam o processo)	Governo (Banco que trabalha com linha de crédito relacionada à DAP)	“Também é uma (condição) ótima, juro de dois por cento ao ano, porque a gente tem a DAP. Então tem toda essa facilidade de crédito. Projeto, a associação está pegando um projeto não sei se você está lá no Sítio Alegria. Fecharam um projeto agora. por (ser) produtor o (governo) tem (essas) (linhas) de (crédito), tem (incentivo) (pra) produtor (rural), como (pra) agricultura orgânica em (si). porque tem (muita) (burocracia), e (agora) ficou mais (fácil) porque esse conhecimento eu não (vou) (atras), ele (vem) (ate) mim. então por voce (ser) produtor (rural) vocês já tem (facilidade) de (crédito), (inclusive) (a) (gente) tem (duas) situações.	10
		Emater	tem (a) (emater) que (ajuda) bastante. (ate) (hoje) todos que nos já procuramos vemos (muita) (dificuldade). eu sei que quem faz acompanhamento aqui e (a) (emater) e (a) (embrapa) (agora).	9

Essas subcategorias são relacionadas à Motivação situacional – subcategoria primária, que apresentou UCE relacionada aos *Facilitadores da adoção do sistema orgânico (atores que auxiliam o processo)* – subcategoria secundária.

Conforme a opinião dos produtores, além dos atores que articulam as políticas voltadas para a produção orgânica, há atores públicos que fazem o processo de intermediário entre agentes políticos e produtores orgânicos. O papel dos intermediários auxilia os produtores no acesso as políticas públicas e financiamentos trazendo uma segurança na incorporação do sistema orgânico.

Os produtores evidenciam a importância de fazer parte da AGE (Associação de Agricultura Ecológica), que facilitou a inserção dos produtores no mercado através da certificação orgânica. Essa garantia de comercialização pelo preço justo de produção traz segurança aos produtores na adoção do sistema. Além dessa segurança, os produtores fazem uso desse sistema pela ausência na utilização de agrotóxicos, trazendo benefícios para as pessoas responsáveis pelo plantio e manejo, geralmente sendo realizados pela família e, por consumir os produtos produzidos na própria propriedade.

Apesar de ter acesso à assistência técnica de qualidade e sem custo, os produtores apontam que ainda há falta de conhecimento técnico na área de produção orgânica, podendo explorar mais recursos para a facilitação do manejo de pragas e da produção. Essa falta

deconhecimento técnico reflete na falta do desenvolvimento de tecnologias que facilitem a produção aumentando sua produtividade.

Tabela 5. Categoria II com as suas respectivas subcategorias, as fontes de informação e as UCE, acompanhadas dos qui quadrados correspondentes

Categoria II: Mercado				
Subcategoria primária	Subcategoria secundária	Subcategoria terciária	UCE	χ^2
Motivação pessoal	Vantagens de produzir no sistema orgânico (benefícios ao produtor e consumidor)	Meio ambiente	.eu (vejo) muitas (vantagens), (e) as principais/ sao, (maior) estabilidade no (processo) (produtivo), (tanto) em (termos) (produtivos) como em/ (termos) (ambientais), (e) tambem (maior) (equilíbrio) (financeiro). (para) explicar (melhor), menores oscilacoes durante o (ano), (e) outro ponto importante, interessante tambem (e) (um) (ambiente) (mais) rico com disponibilidades (de) (produtos) extremamente diversos o(ano) (inteiro) (para) consumo.	10
			consequente (equilíbrio) (ambiental) (para) a (producao), (equilíbrio) local, (alimento) com (mais) (qualidade), porque o (solo) esta (mais) vivo (mais) rico entao sem-duvida o resultado (do) (alimento) (vai) haver diferenca em (termo) (de) (qualidade) nutricional (do) (alimento).	9
			E as vezes se (for) (alguns) (produtos) que utilizam o mesmo sistema (de) adubacao alguma (coisa) (vai) ser (bem) conveniente porque (um) ajuda o outro. (O) sistema (produtivo) (integrado) (tem) a (vantagem) (de) (controle) (de/) (pragas) (e) doencas (voce) (tem) a (vantagem) na (questao) da facilidade (de) (comercializacao) (e) na/ (questao) da (preservacao) (e) conservacao (do) (solo).	8
		Saúde	que o valor (do) organico ele compensa, por ele ser (mais) elevado (do) que o convencional. tambem a (questao) de-que atualmente esta crescendo (bastante) a (demanda). entao assim, a (questao) (comercial) dele (e) muito boa (e) uma das (vantagens) que eu (vejo) (e) a (questao) (e) da (saude) (do) (produto), que (voce) da (um) (produto) (bem) (mais) bonito, que (e) todo (natural) nao (e) aquele (produto) marombado, que (voce) olha assim ele (e) todo bonito,	8
Motivação situacional	Facilitadores da adoção do sistema orgânico (atores que auxiliam o processo)	Mercado	oferta em (baixa) a (demanda) (voce) produzir (um) (produto) que sempre (vai) ter (mercado), (quer) dizer sempre assim no momento a tendencia (e) (de) o famoso (sobre) (preco) que (ainda) existe pra esses (produtos) a disposicao em pagar essa (coisa) que esta na sua entrevista	8
			(produtos) perigosos veneno/ (agrotóxico) (e) (adubos) (químicos) (e) (enfim) agroquímica todo o arsenal agroquímico, (voce/) parar (de) (mexer) com isso (tudo) (e) a outra (vantagem) (e) o (mercado) muito (demandante) (ainda),	10

Conforme a Tabela 5, das 64 UCE que compõe esta categoria, foram extraídas três subcategorias terciárias, agrupadas em suas respectivas subcategorias primárias e secundárias.

As subcategorias terciárias relacionadas à Motivação social – subcategoria primária, que diz respeito às *Vantagens de produzir no sistema orgânico (benefícios ao produtor e consumidor)* – subcategoria secundária, são: *Meio Ambiente* formada por três UCE, com qui-quadrados de 10, 9 e 8, e *Saúde* composta por uma UCE com qui-quadrado igual a 8.

Relativa à Motivação situacional – subcategoria primária, emergiu uma UCE que diz respeito à *Facilitadores da adoção do sistema orgânico (atores que auxiliam o processo)* – subcategoria secundária, denominada de *Mercado* obtida a partir de duas UCE, com qui-quadrado igual a 8 e 10.

Analisando a Tabela 5, a principal vantagem exposta pelos produtores do sistema orgânico é abertura de mercado. Cada vez mais os consumidores prezam pela saúde e qualidade do alimento a ser consumido, além de produtos que em seu sistema de produção traga benefícios ao meio ambiente.

Apesar de atrativos comerciais; como a demanda pelo consumo de produtos ambientalmente correto, sem insumos químicos, e o preço elevado; e de marketing em produzir e comercializar alimentos orgânicos, o mercado de produtos orgânico possui algumas dificuldades como a baixa escala de produção, elevado custo para manutenção da certificação e averiguação das condições ambientais e, potencialidades de produção da propriedade, o que representa mais despesas para o produtor na implantação desse sistema.

Com essas peculiaridades do sistema de produção orgânica, seu produto final se torna mais oneroso que o convencional, trazendo ao consumidor a rastreabilidade; por saber quem produziu e qual OCS esse produtor participa; e garantia de qualidade do produto.

Essa preocupação com o consumidor facilita na adoção do sistema de produção orgânica, por oferecer; de forma indireta; benefícios ao produtor; tanto na saúde ao consumir esses produtos e manipulá-los, como no endossamento de uma agricultura livre de impactos negativos ao meio ambiente.

Tabela 06. Categoria III com as suas respectivas subcategorias, as fontes de informação e as UCE, acompanhadas dos qui-quadrados correspondentes.

Categoria III: Orgânico				
Subcategoria primária	Subcategoria secundária	Subcategoria terciária	UCE	χ^2
Motivação social	Pessoas ou instituições que aprovam a adoção do sistema orgânico (atores que	Consumidores da feira	A (aprovação) (da) (família) que é dedicada a outras (causas) (ecológicas) e (sociais) a (agroecologia) e uma (causa) que tem essa motivação. (E) (outra) eu acho que quem (aprova) são principalmente (os) consumidores, principalmente na associação que a gente (participa) que e mais (os) consumidores que (eles) tem um papel fundamental, (eles) (aprova) não (so) pela presença (nas)	11

apoiam essa opção de agricultura)	(feiras),	
Família e vizinhos	sao (os) consumidores. A (família) (aprova) completamente, tanto marido e filhos, assim-como também a parentela. (todo) (mundo) (aprovou) a (nossa) mudança. (os) (vizinhos) (no) (comeco) chamaram a gente de louco, e que iamos morrer de fome. (porque) (eles) nao viam muita vantagem nisso, (porque) (eles) (veem) o (organico) (como) (plantei) fiquei (rico).	10

A Tabela 06 é referente à categoria composta por 17 UCE, na qual foram extraídas duas subcategorias terciárias sendo: *Consumidores da feira* composta por uma UCE; com x^2 igual a 11; e *Família e vizinhos* formada por uma UCE; com x^2 igual a 10; agrupadas no contexto das subcategorias primária e secundária.

Essas subcategorias são relacionadas à subcategoria primária *Motivação social* que diz respeito à *Pessoas ou instituições que aprovam a adoção do sistema orgânico (atores que apoiam essa opção de agricultura)* – subcategoria secundária.

Analisando a categoria III, observa-se que a família dos produtores que trabalham com o sistema orgânico aprova a adoção do sistema, levando em conta os benefícios adquiridos com essa prática. Além do consumo e manejo de produtos orgânicos que trazem bem-estar para a família, esse sistema propicia um ambiente agradável de trabalho, por ser menos danoso para as pessoas envolvidas na produção.

Essa característica da produção orgânica; da produção livre de insumos químicos; traz impactos positivos para o meio ambiente, e para a propriedade onde está localizada a produção.

Esses impactos atingem indiretamente os vizinhos desses produtores, que representam um dos atores importantes para a eficiência do sistema, que colabora com a obtenção da certificação. A aprovação e colaboração dos vizinhos dos produtores orgânicos contribuem para eliminação de barreiras para evitar contaminantes que possam prejudicar a pureza do produto final.

Apontado pelos entrevistados, o consumidor, além da família, aprova o sistema, e motiva o produtor a se inserir nesse mercado. O consumidor traz confiança ao produtor quando exige produtos saudáveis, fazendo com que o produtor tenha segurança em investir nesse sistema.

Tabela 07. Categoria IV com as suas respectivas subcategorias, as fontes de informação e as UCE, acompanhadas dos qui quadrados correspondentes

Categoria IV: Convencional				
Subcategoria Primária	Subcategoria secundária	Subcategoria terciária	UCE	χ^2
Motivação social	Pessoas ou instituições que aprovam a adoção do sistema orgânico (atores que apoiam essa opção de agricultura)	Mercado	(mas) (esse) (trabalho) ainda (nao) foi (feito), apesar-de ter (varios) (produtores) da (propria) (associacao), (o) nosso mercado (principal) (continua) no (plano) piloto. (mas) (eu) (acredito) (que) a questao (esta) em (trabalhar) a (propaganda) e a (cultura) mesmo. por (exemplo) a (escola) (que) a minha (filha) (estuda), la em brazlandia, e uma (escola) socioconstrutivista, (entao) (o) (pessoal) ja tem essa visao mais ambiental.	11
	Pessoas ou instituições que não aprovam a adoção do sistema orgânico (atores que não apoiam essa opção de agricultura)	Produtor do sistema convencional	os (grandes) (produtores) de (convencional), mercado (esse) (que) (reprovam), (o) supermercado paga (pouco). (as) (proprias) normas, se (nao) tiver dentro (esta) (reprovado). E (quem) desaprova (sao) os (grandes) (produtores) e monocultura (que) (acha) (esse) um (sistema) dificil de (fazer), (entendeu), dificil de colheita, mistura (as) (culturas), a primeira (cultura) voce colhe bem, a segunda mal e (assim) por diante,	11

De acordo com a Tabela 07, relacionada à categoria constituída por 20 UCE, foram extraídas duas subcategorias terciárias, ambas com qui-quadrado equivalente à 11, agrupadas em duas subcategorias secundárias, com uma subcategoria primária.

Relacionada à Motivação social (subcategoria primária) foram reconhecidas duas UCE em relação aos eixos temáticos com características divergentes.

No que diz respeito às *Pessoas ou instituições que aprovam a adoção do sistema orgânico (atores que apoiam essa opção de agricultura)* – subcategoria secundária, apresenta a subcategoria terciária *Mercado* formada por uma UCE.

Em relação às *Pessoas ou instituições que não aprovam a adoção do sistema orgânico (atores que não apoiam essa opção de agricultura)* – subcategoria secundária, emergiu a subcategoria terciária *Produtor do sistema convencional*, formada com uma UCE.

Em contraponto com a Tabela 06, a categoria IV diz respeito à comparação do sistema de produção orgânico com o convencional.

De acordo com a opinião dos entrevistados, os consumidores que compõe a lógica de mercado apoiam a adoção do sistema orgânico, levando em consideração o bem estar prezando por um produto saudável, independente do preço a se pagar.

Independentemente de ter uma grandedemanda dos consumidores para o produto orgânico, ainda se tem resistência na adoção desse sistema pelos produtores convencionais,

que observam uma menor produtividade ao comparar com o sistema convencional, além de não ter tecnologias para produção em escala e apresentar um maior custo em mão-de-obra.

Sendo levantado no discurso dos produtores, um dos maiores problemas na adoção do sistema orgânico, a falta de mão-de-obra qualificada para realização do manejo dessa produção.

5.3. Problemas e priorização dos fatores para adoção do sistema de produção orgânica

Em relação às subcategorias terciárias, os problemas relacionados à área de atuação da Embrapa foram extraídos por intermédio das UCE retiradas da análise do discurso dos produtores.

Com base nos dados da Tabela 04 (uma de suas UCE e respectivo qui-quadrado), foi construída a Tabela 8 com foco nas necessidades expostas pelos produtores relacionadas ao acesso de linhas de crédito.

Tabela 8. Problema selecionado, qui-quadrado (χ^2), necessidade priorizada com base no qui-quadrado e sugestões de ação para a Categoria I.

Categoria I: Referentes			
Problema	X²	Necessidades	Sugestões de ação
Burocracia	9	Instrução para acesso a linhas de crédito	Disponível: Informações no site da Embrapa – Grupo de Agricultura Orgânica e Agroecologia sobre políticas públicas. A ser desenvolvido: Palestras divulgando linhas de crédito e quais critérios são necessários para acessá-las, de acordo com o foco do produtor.

Na Tabela 8, observa-se como principal problema na Categoria I, diz respeito à subcategoria terciária - *Governo (Banco que trabalha com linha de crédito relacionada à DAP)*, apontado pelos produtores como dificuldade na adoção do sistema.

A falta de informações referentes ao acesso à linha de financiamento justifica a insegurança em realizar a transição para o sistema orgânico, já que quem adota esse sistema, fala desse tipo de ausência de investimento.

Sem a disseminação das políticas de crédito específicas para o sistema orgânico, o número de produtores esperados pode não ser alcançado, gerando em uma redução nos incentivos públicos para o setor.

Como possível solução, a Embrapa como agente extensor, disseminaria as informações, por meio de palestras, contribuindo para o acesso às linhas de crédito ofertadas para os produtores e, captaria as experiências dos produtores como forma de avaliar a eficiência dessas políticas de acordo com os parâmetros pré-estabelecidos pela linha de crédito.

De acordo com os dados da Tabela 5 e Tabela 06 (UCE e respectivo qui-quadrado), foi elaborada a Tabela 09 com foco nas necessidades dos produtores, tanto orgânicos como convencionais, em relação às informações do sistema de produção orgânica.

Tabela 09. Problema selecionado, qui-quadrado (x^2), necessidade priorizada com base no qui-quadrado e sugestões de ação para a Categoria II e III.

Categoria II: Mercado e Categoria III: Orgânico			
Problema	X²	Necessidades	Sugestões de ação
Credibilidade e Transição Orgânica	10	Disseminação do conhecimento referente a visão sistêmica da produção orgânica	Disponível: Tecnologias desenvolvidas pela Embrapa-Hortaliças, tanto na área das sementes, como em ferramentas de manejo, como irrigação e manejo ecológico de insetos. A ser desenvolvido: Seminários, palestras, manuais e cursos sobre todas as etapas de produção do sistema orgânico, a montante e a jusante à produção.

Verifica-se na Tabela 09, que a principal necessidade para os produtores se inserir no mercado de orgânico, principalmente para os produtores convencionais, é a falta de conhecimento dos processos para ser reconhecido como orgânico.

Aos produtores convencionais que apresentam ansiedade em substituir seu modelo de produção, encontram dificuldades em entender as vantagens, nas instâncias de curto, médio e longo prazo que o sistema orgânico pode proporcionar, tanto para as pessoas envolvidas como para o meio produzido.

Os entrevistados que adotam o sistema de produção orgânica apontaram a dificuldade em compreender a visão sistêmica da cadeia de valor do sistema orgânico. Além da necessidade de tecnologias alternativas para aumentar a produtividade do sistema.

Apesar da Embrapa deter tecnologias para otimizar o processo de produção orgânica, ainda há falhas no processo antes e após produção, sendo uma necessidade apresentada pelos produtores. Essa visualização de como preparar a propriedade e manusear os insumos para realização dessa produção traz incertezas aos produtores que querem se inserir nesse novo método de produção.

De acordo com os dados da Tabela 5 Tabela 07 (UCE e respectivo qui-quadrado), foi elaborada a Tabela 10 com foco na necessidade de comercialização dos produtos na região administrativa dos produtores.

Tabela 10. Problema selecionado, qui-quadrado (χ^2), necessidade priorizada com base no qui-quadrado e sugestões de ação para a Categoria IV.

Categoria IV: Convencional			
Problema	X²	Necessidades	Sugestões de ação
Falta de feiras orgânicas	11	Incentivo para a organização dos agricultores	<p>Disponível: Divulgação dos pontos de feira orgânica no Distrito Federal.</p> <hr/> <p>A ser desenvolvido: Mobilização de mais espaço para organização de feiras orgânicos em todas Regiões Administrativas.</p> <p>Circuito de comercialização de orgânicos com produtores certificados nos seminários realizados pela Embrapa.</p>

De acordo com o Idec (2012), em parceria com o Fórum Nacional das Entidades Cíveis de Defesa do Consumidor (FNECDC) e outras organizações que apóiam a comercialização agroecológica, identificaram em vinte e duas, das vinte e sete capitais, cento e quarenta (140) feiras orgânicas e agroecológicas, sendo Brasília a segunda detentora de maior número de feira com 20, sendo oito exclusivas da AGE.

Apesar de apresentar expressivo número de feiras orgânicas, os produtores apontam que ainda há regiões administrativas (RAs) a serem alcançadas.

Para minimizar esse problema, a Embrapa pode desenvolver esforços para que associações como a AGE, abranja mais cliente potenciais com feiras orgânicas em pontos de feiras orgânicas distribuídas em todas RAs, e a abertura de um circuito de comercialização de produtos orgânicos nos eventos realizados pela Embrapa, afim de tornar os produtos acessíveis.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a maioria dos resultados aqui discutidos, as perspectivas dos produtores em relação à adoção do sistema orgânico de produção encontram-se satisfatórias, em vista que, dificilmente apontariam desvantagens para a adoção do processo, diferentemente observado na literatura revisada. Vale ressaltar que essa dificuldade da conversão da propriedade convencional para o sistema orgânico não foi relatada.

O sistema é bem visto, tanto pelos produtores como pelos consumidores, encontrando entraves significativos apenas durante a adoção ou transição do sistema. Entre eles, foi apontada a falta de incentivo pelo poder público e o desenvolvimento de novastecnologias adaptadas, o que torna o processo mais oneroso pelo alto investimento inicial via contratação de mão-de-obra, quando previsto o aumentada escala de produção.

Além disso, a falta de linha de crédito específica para a produção orgânica e as barreiras burocráticas perante o acesso ao crédito rural, desestimulam investimentos pelos produtores interessados.

Para a maioria dos entrevistados, o sistema orgânico de produção se mostra como uma alternativa viável ao modelo convencional. Demonstram ainda, que além de benefícios socioeconômicos e o uso eficiente dos recursos naturais, o sistema proporciona bem estar a todos os envolvidos, aumentando a competitividade dentro da rede associativa em relação à disseminação de práticas favoráveis ao desenvolvimento do setor.

7. REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003.

CAMPANHOLA, C.; VALARINI, P. J. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. **Caderno de Ciência & Tecnologia**, Brasília, 18, set/dez 2001. 69-101.

CASTRO NETO, N. D.; AL, E. Produção orgânica: uma potencialidade estratégica para a agricultura familiar. **Revista Percursos-NEMO**, Maringá, 2, 2010. 73-95.

COSTA, Manoel Baltasar Baptista da. _____ **AAO: Um pouco de história**. Disponível em :<http://aao.org.br/aao/quem-somos.php>. Acesso em: 16 de maio. 2015.

EMBRAPA, **Grupo de Agricultura Orgânica e Agroecologia da Embrapa Hortaliça**, Disponível em: http://www.cnph.embrapa.br/organica/pdf/pontos_de_venda.pdf . Acesso em 18 de maio 2015.

IDEC. Revista do Idec: Rota dos Orgânicos. **Idec**, 2012. Disponível em: <http://www.idec.org.br/uploads/revistas_materias/pdfs/ed-162-pesquisa-organicos.pdf>. Acesso em: 20 jun 2015.

LIMA, E.E. **Alimentos orgânicos na alimentação escolar pública catarinense: um estudo de caso**, 2006. 141p. Dissertação (Mestrado em Nutrição) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MACHADO, Fernanda; CORAZZA, Rosana. **Desafios tecnológicos, organizacionais e financeiros da agricultura orgânica no Brasil**. Revista de La Facultad de Economía, BUAP, ano IX, n. 26, mai/ago. 2004.

MAPA Instrução Normativa 007/1999.

MAPA. Número de produtores orgânicos cresce 51,7% em um ano. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2015/03/numero-de-produtores-organicos-cresce-51porcento-em-um-ano> Acesso em: 25 jun 2015

ORMOND, J. G. P.; et al. Agricultura **orgânica: quando o passado é futuro**. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 15, p. 3-34, 2002.

SALVADOR, Carlos Alberto. Agricultura Orgânica. **Análise da Conjuntura Agropecuária Safra 2011/12**. Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná. Out/ 2011.

SANTOS, Graciela Cristina; MONTEIRO, Magali. **Sistema orgânico de produção de alimentos**. Alim. Nutr., Araraquara, v. 15, n.1, p.73-86, 2004.

SANTOS, Luiz Carlos Rebelatto. Certificação participativa em rede: um processo de certificação adequado à agricultura familiar agroecológica no sul do Brasil. Relatório Técnico Final, 2005.

SEBRAE. **Perfil do Produtor Rural**. Série Estudos e Pesquisas.jul, 2012. Disponível em: <http://ciorganicos.com.br/wp-content/uploads/2013/09/perfil-produtor-rural-Sebrae-NT000480C6.pdf> . Acesso em 30 de junho 2015.

SOUSA, Evie dos Santos; et al. Guia de utilização do software Alceste: uma ferramenta de análise lexical aplicada à interpretação de discursos de atores na agricultura. Embrapa Cerrados- Planaltina/DF. 2009.

RIOS, Genebaldo Lima. Agroecologia como adequação sociotécnica: a experiência e o saber fazer dos associados da AGE. Universidade de Brasília- Faculdade UnB de Planaltina, 2013.

ROCHA, Francisco Eduardo de Castro Rocha et al. **Aplicação na análise de conteúdo na perspectiva de Bardin em uma aproximação avaliativa do Pronaf – PB**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2008, 80 p. (Boletim de pesquisa e desenvolvimento / Embrapa Cerrados, ISSN 1676-918; 201).

ANEXO I

Roteiro de entrevista semiestruturada Avaliação da adoção do uso do fogo na agricultura

I - MOTIVAÇÃO PESSOAL (do/a próprio/a produtor/a)

1-QUAL É SUA EXPECTATIVA EM RELAÇÃO À UNIDADE DE PRODUÇÃO, PRETENDE FICAR NA TERRA OU MIGRAR PARA OUTRA FRONTEIRA AGRÍCOLA OU MEIO URBANO?

	SIM / ficar na terra para subsistência
	SIM / ficar na terra para acessar mercado consumidor
	NÃO / migrar para outra fronteira agrícola
	NÃO / migrar para meio urbano

2-QUAIS AS VANTAGENS DO SISTEMA PRODUTIVO INTEGRADO?

3-QUAIS AS DESVANTAGENS DO SISTEMA PRODUTIVO INTEGRADO?

II - MOTIVAÇÃO SOCIAL (pessoa física / pessoa jurídica)

4) QUEM APROVA A SUA OPÇÃO PELA ADOÇÃO DE SISTEMAS PRODUTIVOS INTEGRADOS?

5) QUEM REPROVA A SUA OPÇÃO PELA ADOÇÃO DE SISTEMAS PRODUTIVOS INTEGRADOS?

II - MOTIVAÇÃO SITUACIONAL (conhecimento, meios, recursos financeiros)

6) O QUE FACILITA A ADOÇÃO DE SISTEMAS PRODUTIVOS INTEGRADOS?

7) O QUE DIFICULTA A ADOÇÃO DE SISTEMAS PRODUTIVOS INTEGRADOS?